

A DESCOBERTA CARTESIANA DO COGITO

Juliano Batista dos Santos¹

José Carlos Leite²

RESUMO: Este artigo analisa como o filósofo René Descartes (1596-1650) chegou à descoberta do *cogito*, seu primeiro princípio. Para tanto, detém-se principalmente nos quatro primeiros parágrafos da segunda meditação da obra *Meditações sobre filosofia primeira*, em que revela a descoberta das únicas ideias inatas existentes, a saber: eu, Deus, geometria e aritmética. Para fundamentar a descoberta do eu pensante e metafísico, é necessário fazer uma breve narração da primeira meditação, acompanhando-a com pequenos comentários das obras *Carta prefácio dos princípios da filosofia*, *Discurso do método* e *Regras para a orientação do espírito*. O objetivo geral é esboçar, de modo histórico, os caminhos epistemológicos que levaram Descartes à descoberta do *cogito ergo sum*, que servirá de alicerce para a construção de todas as outras verdades possíveis, sem exigir dos intelectuais de seu tempo o regresso verificacional dos valores de verdade dos conhecimentos científicos e filosóficos já produzidos pelos homens, o que, na prática, seria inviável, falho e até mesmo aporético, em muitos casos.

PALAVRAS-CHAVE: *cogito*, método, dúvida, indubitável, verdade.

ABSTRACT: This paper analyses how the philosopher René Descartes (1596-1650) has come to the discovery of the *cogito*, his first principle. This study has mainly focused in the first four paragraphs from the second meditation of his work *Meditations on first philosophy*, which reveals the discovery of the only existing innate ideas, namely: I, God, geometry and arithmetic. In order to substantiate the discovery of the metaphysical and critical human, it is necessary to do a brief narration of the first meditation, following it with short comments about the books *Letter-Preface of Philosophy Principles*, *Discourse on the Method* and *Rules for the direction of the mind*. The general aim of this study is historically presents the epistemological routes which have guided Descartes to reach the discovery about *cogito ergo sum*. The epistemological principles served as a foundation for constructing all other possible truths, without requiring of the intellectuals of his time a verifiable returning of scientific and philosophic truth value ever produced by humanity, which in practice would be unworkable, flawed and even aporetic in many cases.

KEYWORDS: *cogito*, method, doubt, indubitable, truth.

¹ Mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor de Sociologia do IFMT – Campus Cuiabá. E-mail: julianojbs@gmail.com.

² Professor Associado III, vinculado ao Departamento de Filosofia e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. E-mail: j.leite@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

René Descartes, considerado por Friedrich Hegel como o pai da Filosofia moderna (HEGEL, 2005), rompe com o pensamento tradicionalista de sua época, a saber, a discussão sobre a relação entre a fé cristã e a razão humana. Para tanto, a filosofia cartesiana se preocupou em saber como o homem, sujeito pensante, pode apreender os objetos da realidade exterior e interior a ele. A solução dessa dúvida, bem como a formação e sistematização do pensamento de Cartesius³, baseia-se em duas fontes principais, que são a Escolástica⁴ e a Matemática⁵ (ABBAGNANO, 1992).

A intenção cartesiana foi buscar na Matemática, geometria e aritmética, certos elementos esquecidos pelos escolásticos, como o *more geométrico*⁶, que é a maneira pela qual os matemáticos demonstravam seus teoremas. Os dois principais elementos do modelo geométrico são a análise e a síntese, chamados por Descartes de ordem das razões, que se opõem à ordem das matérias, sensações ou percepções.

A ordem das razões é tratada no livro *Discurso do método*⁷ (DESCARTES, 2001), que ensina os homens a bem conduzir a própria razão e a procurar a verdade nas ciências. Na primeira parte da obra, encontram-se diversas considerações atinentes às ciências, afirmando Descartes que o “bom senso é a coisa mais bem partilhada, e até mesmo os menos conformados com outras coisas acreditam tê-lo o suficiente; na verdade, nem todos se enganam a respeito disso” (DESCARTES, 2001:08), afirma Cartesius.

O poder de julgamento e distinção do verdadeiro e do falso, igual em todos os homens, deve-se ao fato de cada um pensar diferentemente e considerar as coisas de modo distinto, e não por serem uns mais racionais que os outros. Para tanto, é necessário ao bom espírito ser bem aplicado. As almas mais belas são capazes das maiores virtudes e também o são dos maiores vícios, por isso é melhor analisar bem uma questão com calma para obter um resultado positivo do que se precipitar na análise e não atingi-lo⁸ (DESCARTES, 2001).

Teve Descartes a felicidade de, ainda jovem, elaborar um método pelo qual pôde aumentar,

³ *Cartesius* era o nome latino de Descartes. Daí, denominarem de cartesiano o pensamento do filósofo francês, Descartes.

⁴ Os escolásticos eram sistemáticos apoiados na Lógica.

⁵ Os matemáticos eram sistemáticos apoiados na Geometria.

⁶ Modelo geométrico.

⁷ Para este trabalho, foram utilizados somente os dois primeiros capítulos da obra.

⁸ Descartes desconhece outras qualidades que não sejam as da razão ou do bom senso, o que acredita nos tornarem homens e nos distinguirem dos animais.

gradualmente, o seu conhecimento, alçando-o pouco a pouco. Fora satisfeito pelo progresso que acreditava ter feito na busca da verdade e considerava que, entre as ocupações dos homens, a que ele escolhera era solidamente boa e importante, pois seu objetivo foi mostrar como conduziu a sua razão para chegar a um método seguro, e não ensinar o método que se deva seguir para bem conduzi-lo⁹.

Apesar de estudar as letras desde a infância e de ter sido recebido na classe dos doutos, Descartes ainda se achava cheio de dúvidas e erros, mesmo tendo estudado em uma das mais célebres escolas da Europa, La Flèche; ele estimava a importância de todas as ciências e achava necessário o exame de todas elas, para que assim pudesse conhecer o justo valor de cada uma e evitar ser enganado pelas mesmas (DESCARTES, 2002).

Por isso, ele se dedicou muito tempo às línguas, à leitura dos livros antigos, histórias e fábulas. Apreciava muito a capacidade de se expressar e estava enamorado da poesia, não obstante pensasse que uma ou outra eram bons espíritos, mais do que frutos do estudo. Gostava também da Matemática, por causa da certeza e evidência de suas razões, mas pensava que essa servia apenas às artes mecânicas¹⁰, não percebendo seu verdadeiro emprego (ACZEL, 2007).

Quanto à Filosofia, Descartes não tinha a pretensão de acertar mais do que os outros. Ainda que existissem muitas opiniões de homens sábios sobre a mesma matéria, só uma delas poderia ser verdadeira. Quanto às outras ciências, não tinha ele o interesse em aprendê-las, apesar das honras e do ganho que prometiam. Concernente às más doutrinas, queria saber apenas o suficiente para não ser enganado pelos seus defensores (MAIA NETO, 2001).

Posteriormente, Cartesius resolveu não mais procurar outra ciência além daquela que poderia achar em si próprio, ou então no grande livro do mundo, passando o resto da mocidade a viajar por toda parte e a refletir sobre as coisas que se apresentavam. Sempre quis aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para que, com ações corretas, pudesse caminhar com segurança na vida, já que o estudo das coisas do mundo, juntamente com o autoconhecimento, permitiria-lhe empregar todas as forças do espírito na escolha dos caminhos que deveria seguir.

⁹ Embora desconfiasse que pudesse estar enganado quanto às suas descobertas, Descartes quis mostrar os caminhos que seguiu para que cada um pudesse fazer seu próprio julgamento.

¹⁰ Na atualidade, Mecânica é o que definimos como Engenharia.

DA DÚVIDA AO COGITO

Na segunda parte do *Discurso do Método*, Descartes (2001) considera que não há tanta perfeição nas obras compostas por várias peças e feitas por vários mestres como naquelas em que só um trabalhou. Como exemplo, cita que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto são mais bem acabados do que as reformas que reaproveitaram paredes velhas e construídas para outros fins. Ele também faz referência ao crescimento desordenado das cidades em relação às praças regulares, traçadas por engenheiros quando ainda eram pequenos burgos.

O convencimento de Descartes de que o estado da verdadeira religião, cujas ordenanças só Deus fez, deve ser incomparavelmente melhor regulamentado do que todos os outros (DESCARTES, 2001), permitiu-lhe considerar que o simples raciocínio de um único homem de bom senso, por efetuar com respeito às coisas que se lhe apresentam, está mais próximo da verdade do que razões apenas prováveis que se compuseram e se avolumaram pouco a pouco com diversas opiniões.

É quase impossível que os juízos dos homens sejam tão puros ou tão sólidos como seriam se tivessem o uso inteiro da razão desde o nascimento, e se não tivessem sido guiados por outras faculdades do saber. Desse modo, um particular não tem razão em reformar um Estado-nação mudando todos os fundamentos e/ou derrubando-os para reerguê-lo; é por isso que Descartes não pensava em reformar o corpo das ciências ou a forma de ensiná-las, no entanto acreditava poder melhorá-las, ajustando-as ao nível da razão e, apesar de notar diversas dificuldades nessa tarefa, reconhecia que elas não eram irremediáveis (DESCARTES, 2002).

A intenção cartesiana era reformar seu próprio pensamento e construir um terreno todo seu, pois o mundo se compõe de duas espécies de espírito, a saber:

[...] aqueles que creem ser mais hábeis do que são, depressa se precipitam em seu juízo por serem impacientes na conclusão de seus pensamentos; e aqueles que têm bastante razão ou modéstia para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso, uma vez que equivale bem mais o costume e o exemplo de persuadir os homens sobre qualquer conhecimento certo do que obstante a pluralidade das vozes não sejam a prova que olhe para as verdades um pouco difíceis de descobrir por serem bem mais verossímeis que um só homem as tenha encontrado do que todo um povo. (DESCARTES, 2002).

Do mesmo modo, ao examinar as ciências que estudou, Descartes identificou erros e

vícios, de tal sorte que quis procurar um método que as isentassem de defeitos. Além do mais, para que seu método ficasse livre de vícios, ele se valeria de quatro preceitos os quais não deixaria de observar. O primeiro, ou evidência, é reconhecer alguma coisa como verdadeira apenas quando ela se apresentar clara, distinta e indubitável a seu espírito; o segundo, ou análise, consiste em dividir o problema em quantas parcelas forem possíveis e necessárias para resolvê-las, mesmo que as partes venham a conter subpartes; o terceiro, ou síntese, é examinar o problema começando da parte mais simples até chegar aos conhecimentos mais complexos e obscuros; o quarto e último preceito ou regra, enumerado, é anotar e revisar para ter a certeza de que não se omitiu absolutamente nada durante a investigação (DESCARTES, 2001).

De modo igual, Descartes imaginou que todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira que as longas cadeias de razões fáceis e simples que os geômetras acompanham para chegar às mais difíceis demonstrações. Logo, ele concluiu que deveria começar pelas partes mais simples e fáceis de conhecer. Nesse passo, como só os matemáticos puderam encontrar razões certas e evidentes, seria por elas mesmas que Descartes começaria, pois ele achou que valeria mais examinar somente as proporções em geral dos diferentes objetos da matemática a fim de aplicá-los melhor a todos os outros objetos a que conviessem (DESCARTES, 1989a).

Com isso, a filosofia cartesiana estabelece a importância de regras certas, eficazes e corretas no conduzir da razão, já que somente assim se pode alcançar a verdade das coisas. Nesse sentido, escreve Descartes (1989a, p. 14-15):

[...] é melhor nunca estudar do que ocupar-se de objetos de tal modo difíceis que, não podendo distinguir o verdadeiro do falso, sejamos obrigados a tomar como certo o que é duvidoso... Por conseguinte, mediante esta proposição, rejeitamos todos os conhecimentos prováveis, e declaramos que se deve confiar apenas nas coisas perfeitamente conhecidas e das quais não se pode duvidar. E embora os letrados estejam talvez convencidos de que existem muito poucos desses conhecimentos, porque um defeito comum ao gênero humano os levou a não refletir sobre tais conhecimentos, como demasiado fáceis e acessíveis a todos. No entanto, sou de opinião de que estes são muito mais numerosos do que pensam e suficientes para provar, com certeza, inúmeras proposições, acerca das quais não puderam recorrer até então a não ser de uma maneira provável. Porque julgaram indigno de um homem letrado confessar que ignorava alguma coisa, habituaram-se de tal modo a adornar as suas falsas razões que, insensivelmente, acabaram por si próprios a se persuadirem e as tomarem como verdadeiras.

Portanto, é justamente nesta busca do indubitável e, por conseguinte, do conhecimento

verdadeiro, que Descartes escreve as *Meditações*, mostrando como os princípios foram descobertos.

Na primeira parte da obra, Descartes (2004) nos revela um diálogo com os céticos¹¹. Todavia, o objetivo cartesiano não é a dúvida, mas a sua utilidade para se chegar ao indubitável¹² e, conseqüentemente, ao conhecimento verdadeiro¹³. A dúvida que é o motor da reflexão cartesiana possui, no total, três utilidades, a saber:

1ª. permitir aos homens livrarem-se dos preconceitos adquiridos na infância através do ensinamento de terceiros, na medida em que foram tomados de terceiros;

2ª. criar um caminho em que a mente se desprenda facilmente dos sentidos e passe a utilizar somente a razão; e

3ª. autorizar a dúvida a estender-se ao máximo, possibilitando-nos duvidar das coisas que, em seguida, se descubram verdadeiras e indubitáveis.

Essas três utilidades da dúvida só são possíveis porque ela se caracteriza por ser radical¹⁴, metódica¹⁵, voluntária¹⁶, hiperbólica¹⁷, metafísica¹⁸, rigorosa¹⁹ e sistemática²⁰. Todas essas características da dúvida permitem a Descartes duvidar de toda e qualquer experiência sensível que é sinal, signo do real, e de evidências matemáticas, isto é, científicas. Assim é possível ver que o objetivo da dúvida é encontrar algo evidente, ou seja, aquilo em que não há elementos de crença para se apegar.

Dessa maneira, Descartes parte do plano do sujeito para conhecer e, não podendo, portanto, estabelecer a distinção entre realidade e imaginação, ele passa a duvidar da existência de tudo, sendo esse o ponto de partida à segunda parte das *Meditações*, pois nela, a mente que faz uso da liberdade do pensar, pode duvidar que todas as coisas não existem, entretanto não pode duvidar que ela, o ser enquanto pensamento que duvida, é, ou seja, existe

¹¹ Os céticos utilizam a dúvida como conclusão. Descartes utiliza a dúvida como meio.

¹² Aquilo de que não se pode duvidar é chamado indubitável ou certeza. A certeza resulta em duas causas, a saber, o conhecimento verdadeiro e a fé. Mas a fé não pode ser entendida somente no sentido religioso, deve ser compreendida principalmente no sentido de acreditar na coisa que se sente como tal em dado momento.

¹³ Para que o conhecimento seja verdadeiro, é necessária a adequação do intelecto à coisa, ou seja, quando uma proposição qualquer corresponde à realidade no exato instante em que foi afirmada, o conhecimento é verdadeiro.

¹⁴ A dúvida é radical porque vai à raiz do problema na medida em que atinge as próprias faculdades do conhecimento, sentidos e razão, e não apenas às opiniões.

¹⁵ A dúvida metódica consiste em considerar provisoriamente como falso tudo o que seja suscetível de ser posto em dúvida.

¹⁶ A dúvida voluntária é imposta à razão como método para atingir as verdades impossíveis de duvidar.

¹⁷ A dúvida se torna excessiva ou exagerada quando não se satisfaz com os erros da percepção, buscando, por conseguinte, atingir a própria existência do objeto em si.

¹⁸ A dúvida é metafísica quando se volta contra o próprio pensamento metódico que duvida.

¹⁹ A dúvida é rigorosa por admitir somente uma verdade.

²⁰ A dúvida é sistemática devido à sua ordenação e organização do conhecimento.

enquanto dúvida.

Por conseguinte, este ser pensante, que não é material, pois não possui sensações corporais, vai ser o primeiro princípio cartesiano, predominantemente metafísico, como se verá agora a partir da reflexão dos quatro primeiros parágrafos da segunda meditação, que irá possibilitar, por sua vez, a abordagem sobre a natureza da mente humana, afirmando que ela é mais conhecida do que o corpo (BEYSSADE, 1981).

Essa afirmação é vista também no item 5.4 da *Carta Prefácio*, intitulado ‘A segunda prova da clareza dos princípios’, o qual diz que os princípios “foram desde sempre conhecidos e até considerados verdadeiros e indubitáveis por todos os homens” (DESCARTES, 2002:10); e, logo em seguida, no item 5.5, intitulado ‘A segunda razão que caracteriza os verdadeiros princípios’, Descartes diz que, “embora todas as verdades que estão em meus princípios tenham sido sempre conhecidas por todo o mundo, não houve ninguém até agora [...] que as tenha reconhecido como princípios da filosofia” (ibid., p. 10-11); desse modo, o que falta é provar que tais princípios existem, e deles se possa deduzir o conhecimento de todas as outras coisas do mundo.

No primeiro parágrafo da segunda meditação, Descartes retoma o pensamento desenvolvido na primeira meditação e deixa claro que tantas são as dúvidas que já não há como esquecê-las. Assim, ele se vê diante da necessidade de continuar sua busca atrás dos verdadeiros princípios e, para isso, retoma o caminho de tudo duvidar e nada apreender no intelecto que comporte a mínima dúvida, pois o alvo é o indubitável.

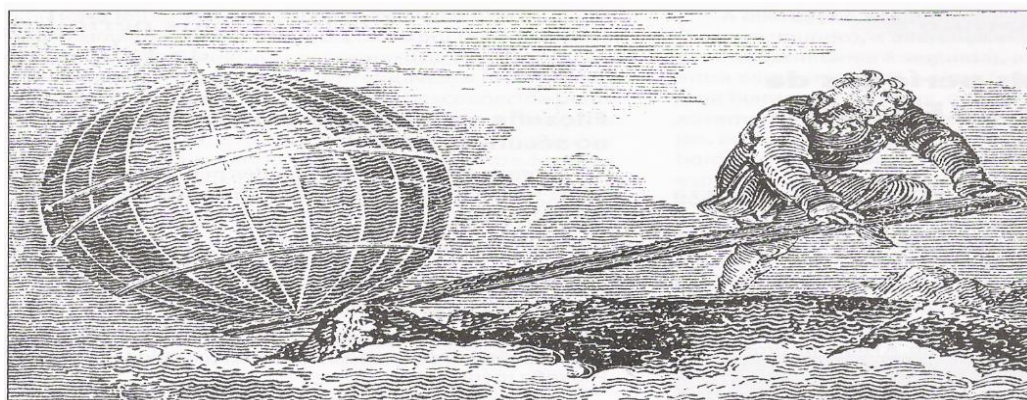
Observa-se aqui que Descartes faz uso da heurística, que ensina os homens a bem conduzirem a própria razão. Hoje, tal método, é conhecido como cartesiano, e se refere, na maioria dos casos, ao quarto capítulo dos manuais de lógica, que se diga de passagem, está descrito e explicado no segundo capítulo do livro *Discurso do método*, já comentado acima. Descartes utiliza-o com o intuito de atingir o seu alvo, isto é, algo certo, pois, mesmo que nada dê certo, pelo menos será possível ver (ter o conhecimento) de que não há nada indubitável, nada é certo.

Por isso, no terceiro parágrafo, Descartes retoma essa ideia – que nada há de certo –, pois, na pior das hipóteses, confirmar-se-á a dúvida cética, isto é, a certeza de que não existe conhecimento verdadeiro, com exceção de uma única certeza: nada existe de indubitável. Para verificar tal proposição, de que nada existe de verdadeiro que possa servir de princípio, Descartes supõe todas as coisas como falsas e inexistentes, como ilusões, como Quimeras. Essa ideia é fundamental para a formulação do primeiro princípio cartesiano, que prossegue

no quarto parágrafo, logo após o comentário do segundo.

No segundo parágrafo, Descartes revela o seu objetivo, ou seja, um ponto que fosse firme e imóvel, pois serviria de alicerce para os demais conhecimentos, visto ser certo e inabalável. Quando Descartes faz tal afirmação do que deseja, fá-lo por meio de uma alusão a Arquimedes, que afirmava precisar só de um ponto, assim como o descrito acima, para mover todo o planeta Terra de lugar.

Figura 1 - *Mechanics Magazine*, London, 1824.²¹



O ponto de apoio da 'alavanca' é, para Descartes, o seu primeiro princípio, o *cogito*.

Essa expressão “mover toda Terra de lugar” (DESCARTES, 2004: 25) nos leva a pensar que tal ponto é aparentemente restrito, e é. Todavia, é este “pontinho” que permitirá a construção segura dos conhecimentos posteriores, porque tal ponto, que é arquimediano, será o primeiro princípio cartesiano, como se verá agora na explicação do quarto e último parágrafo aqui proposto.

No quarto parágrafo da segunda meditação, Descartes encontra o ponto arquimediano que procurava, isto é, seu primeiro princípio, que é o *cogito*. Para isso, ele tenta se persuadir “de que não há nada no mundo, totalmente nada, nem céu, nenhuma terra, nenhuma mente e nenhum corpo” (ibid., p. 25), absolutamente nada. Partindo dessa afirmação, ele procura se persuadir da necessidade de sua própria existência, para que, assim, possa se enganar, pois a condição do engano é a existência. Desse modo, é possível determinar algo como verdadeiro e indubitável: eu sou, eu existo – “*Ego sum, ego existo*” (ibid., p. 25).

Portanto, Descartes descobriu seu primeiro princípio utilizando-se da persuasão, que se dá

²¹ CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003. p. 45. A imagem não possui nome, mas a ideia é mostrar Arquimedes (c. 287 a.C.-c. 212 a.C.) movendo o mundo com uma alavanca.

obrigatoriamente no campo da crença, pois ele percebe que é necessário antes existir para depois ser enganado, logo conclui-se que o ser, enquanto dúvida pensante, é, existe, tem que existir para permitir o engano e, por conseguinte, ter a certeza de que existe o ser enquanto dúvida metafísica pensante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta do primeiro princípio cartesiano, com a afirmação do “*ego sum, ego existo*” (Descartes, 2004), ou *cogito*, caracteriza-se por ser o quinto, último e mais elevado grau do conhecimento humano (DESCARTES, 2002), ao lado de outras ideias inatas, Deus e Matemática, descobertas posteriormente.

Todavia a ideia de Deus, bem como os conceitos da Geometria e da Aritmética, não exigem explicações sobre “quais?” das possíveis formas de existência eles se apresentam. Ou seja, tanto Deus como a Matemática, em sua essência, são restritamente metafísicos, embora o ensino dos cálculos seja empírico em sua propedêutica, afastando-se pouco a pouco dos dados da experiência sensível, à medida que o aprendiz vai amadurecendo em seus estudos.

O *cogito*, por sua vez, pode ser interpretado de três formas, entretanto, apenas uma estará de acordo com a teoria cartesiana. Assim sendo, a afirmação “eu sou, eu existo”, conhecida pela maioria das pessoas como “Penso, logo existo.”, utiliza o emprego de dois verbos: ser e existir.

O primeiro verbo deve ser considerado sempre em primeira pessoa do singular, pois o princípio cartesiano assegura indubitavelmente apenas a existência de seu próprio *eu*, e não do *eu-do-outro*. Já o verbo existir, na história da filosofia, pode ser interpretado como ser sensitivo, psicofísico ou psíquico; em Descartes o ente deve ser tomado como pura *psiqué*.

Dessa forma, o primeiro princípio congênito, ou o conceito de *cogito*, proposto por Descartes, somente se torna indubitavelmente verdadeiro, se o *eu* cartesiano for continuamente entendido e empregado em sentido singular, pessoal e metafísico, caso contrário, seu primeiro axioma filosófico e, conseqüentemente, toda a sua teoria do conhecimento, não se sustentaria como uma epistemologia própria à modernidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa-Portugal: Editorial Presença, 1992.
- ABRANTES, P. *Imagens de natureza, imagens de ciência*. Campinas: Papirus, 1998.
- ACZEL, Amir D. *O caderno secreto de Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BEYSSADE, J.-M. *Descartes*. In: CHÂTELET, F. *História da Filosofia*. v. 3. *A Filosofia do novo mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.
- DESCARTES, René. *Regras para orientação do espírito*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1989.
- _____. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Carta prefácio dos princípios da Filosofia*. [s.l.:s.n.], 2002. (mimeo.)
- _____. *Meditações sobre filosofia primeira*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- HEGEL, G. W. Friedrich. *Introdução à história da Filosofia*. São Paulo: Editora Rideel, 2005.

PERIÓDICOS

- MAIA NETO, J. R. *Descartes e os céticos do seu tempo*. Revista Latinoamericana de Filosofía, [s.l.], v. 37, n. 1, p. 59-80, 2001.